

**ACOMODAÇÃO DE PALAVRAS BANTU EM PORTUGUÊS:
ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS MORFOFONOLÓGICAS**

Selmo Azevedo Apontes (CELA, UFAC)

RESUMO

Muitas vezes taxado de ‘mal-aprendizado’, ou ‘formas depreciativas, corrompidas’, ou “pretoguês” (Kempf) as acomodações carregam estruturas do substrato linguístico que registram traços fortes, identificados como itens semânticos próximos, ou coequivalentes sem prejuízo (aparente) das interpretações. Os empréstimos ou as “acomodações” são um terreno fértil para o aprendizado e para a identificação de estratégias de aprendizado, de maximização do fluxo de informação, de reconhecimento da palavra e a adoção da mesma dentro de um sistema linguístico. Nosso propósito é lançar um sobrevôo sobre a questão da estrutura silábica pré-nasalizadas em um sistema linguístico bantu devido ao fato de ser acomodado de estrutura silábica do português brasileiro, com pinceladas introdutórias da constituição das 3 línguas da costa atlântica bantu faladas no Brasil.

1. Introdução

As línguas bantu fazem parte de um grupo de línguas da África. Ainda não existe um levantamento fidedigno da totalidade das línguas bantu, mas há dados que são em torno de 500 a 600 línguas.

Tendo em vista as possessões portuguesas na África constituíram-se principalmente nas áreas de língua bantu e nigero-congolesas (também chamadas de benue-congo), as línguas de base bantu ajudaram a formatar um novo traçado linguístico bem como contribuíram fortemente para a formatação de uma “nova” cultura no Brasil, na América Latina e Caribe.

Sabe-se que seus falantes contribuíram fortemente para a formatação da especificidade da língua portuguesa falada no Brasil, o Brasileiro²; e para o mosaico das “linguagens” específicas em toda a América Latina e Caribe: do tango, do samba, ao mambo, do conga ao bongo. Por isso vale a pena fazer um primeiro sobrevôo na questão das “3” línguas faladas pelos povos africanos aqui no Brasil.

² Ver, para mais detalhes, KEMPF & MARQUES DA SILVA (2009) e KEMPF (2009)

2. 3 línguas

Há uma constante propaganda, até em manuais didáticos, sobre as 3 únicas línguas faladas pelos africanos no Brasil: quicongo, umbundo e quimbundo³. Isso porque, segundo o histórico de ‘Sir’ Harry H. Johnston (1919), os portugueses quando aportaram em Cabo Verde, no ‘boca’ do rio Kongo, na segunda metade do sec. XV, utilizaram duas línguas como meio de instrução e intercomunicação:

- quisi-congu, depois
- mbundu (Angola).

Aparecem as primeiras descrições de Piegafettas (1591). Depois, o quisi-congu foi usado na escrita e na impressão de doutrinas cristãs, a partir de 1624, pelos missionários jesuítas portugueses. Missionários italianos descrevem uma gramática publicada em 1657, em Roma; e o quimbundo de Angola foi descrito por missionários italianos entre 1642 e 1661. Pedro Dias (2006) fez uma descrição do quimbundo falado no Brasil, que foi publicado em Lisboa em 1697. No entanto, bem antes de Pedro Dias e os missionários italianos, na Argentina o ‘Apóstolo dos negros’, Pe. Diogo Torres Bollo, publica, em 1620, “Arte y vocabulário en la lengua de Angola”.

O quicongo, quimbundo e umbundo foram as primeiras línguas descritas e utilizadas à serviço do governo português⁴. Os missionários aproveitaram o material já impresso e passaram a utilizar esse material em suas negociações. Desde a época do império árabe, a língua de comércio (ou franca) no litoral sudoeste era o Swahili e

³ ANGENOT, BELTRAN e TEIXEIRA (2009, p. 8) criticam essa posição. Já Rosa Virgínia Matos e Silva (2004, p. 96-97) discute a questão de quantas línguas africanas chegaram ao Brasil tendo como ponto de discussão o artigo “Portugais du Brésil et langues africaines” (1988, p. 73), de Emílio Bonvini e Margarida Petter, dizendo que “se podem estimar que, falantes, à volta de 200/300 línguas africanas chegaram com o tráfico e se repartem essas línguas em duas grandes áreas de proveniência: A) a área oeste-africana...; e B) A área banto, limitada à costa oeste africana (atuais Congo, Zaire e Angola), só mais tarde à costa leste (Moçambique). Essa área, diferente da anterior, apresenta-se tipologicamente homogênea, teria sido a da maioria dos escravos, distinguindo os autores (Bonvini e Petter): o quicongo (H10) do antigo reino do Congo; o quimbundo (H20), da região central de Angola, antigo reino Ndongo e o umbundo (R10), da região de Benguela em Angola”. Mais detalhes em MATTOS E SILVA (2004).

⁴ Da mesma forma que utilizaram os missionários no Brasil com as línguas gerais.

esta espalhou características nas línguas bantu. O padre jesuíta J. Torrend (1893), apresenta um mapa da África com as 3 línguas costeiras⁵. E reprodução de material vai, reprodução vem... ficou “delineado” que os escravos africanos trazidos para o Brasil falavam apenas 3 línguas do grupo bantu.⁶

Faz-se necessário acrescentar as observações de Fr. Bernardo Maria de Cannecattini (1804), sobre a importância dessas línguas no contexto da colonização portuguesa no continente africano:

O comércio em Angola exige o conhecimento da língua bunda; porque, sem elle, não só estão os negociantes sujeitos a serem enganados a cada passo... (IV). “Ainda dentro do reino (de Angola ou dos abundos) no mais entranhado delle fallão aqueles povos a língua bunda, como foi certificado por vários pombeiros, que havião estado naquellas partes fazendo negócios de escravatura, cêra e martim” (VII).

Sobre a língua bunda como língua geral e interrelação com as outras, Cannecattini diz:

Huns fallão a língua Bunda, e outros a do Congo” (VII). “A língua dos mah’ungo he mui semelhante á bunda” (VIII)... “Comprehendendo esta huma extensão vastíssima de paízes, e, chamando-se não sem fundamento, lingua geral (IX)

Quanto à língua quicongo (quicongo), vejamos as palavras de José Lourenço Tavares (1817):

Asolongo (mussorongo), nas margens inferiores do rio Zaire – é um dialeto afim do quicongo. O quiconco é a língua geral do antigo Congo – tendo por centro a antiga banza kongo dia Ntoila... (VI)

A relação entre o Congo e o Zaire era muito forte, segundo Tavares, porque:

... achando-se todos êles, uns com os outros, num grande grau de a-

⁵ Sem contar que a maioria dos escravos foi capturada, em sua maioria, no interior do continente. Para mais detalhes ver: Angenot, Beltran, Teixeira (2009).

⁶ Se somar as características das línguas usadas para a comunicação por parte dos colonizadores e a maioria dos locais dos portos de embarcação, fica claro a ‘divulgação’ e a ‘redução’ de apenas 3 línguas bantu faladas – por que não dizer ‘registrada’-. Sobre os portos de embarcação, ver: Manolo Florentino, Alexandre Vieira e Daniel Domingues da Silva: Comparative aspects of the traffic of Africans to Brazil (18th-19th Centuries). A maior parte do porto de embarque: Costa da Mina, Luanda, Benguela, Cabinda, Moçambique (663). (Cf. PRASAD & ANGENOT, 2008)

finidade muito mais íntimo do que possuem com as demais línguas da infinidade de povos, tribos e famílias que povoam Angola. Pela força das suas analogias, sabendo-se um não é difícil entrar em inteligência dos outros, e mesmo das restantes da província. (VII)

Através desses relatos históricos podemos perceber que as referidas 3 línguas funcionavam como línguas gerais para intercomunicação, dado o alcance das mesmas para penetrar nos mais diversos reinos que tinham uma pertença linguística comum bantu, da costa atlântica à índica. Como os registros veiculam informações linguísticas já experimentadas pelos diversos métodos (catequizador, comercial, explorador), os diversos ‘negociantes’ já possuem as informações necessárias para a ‘frutificação’ da empreitada, através do domínio da estratégia linguística.

Voltando ao nosso contexto latinoamericano e caribenho, as “falas” das comunidades com expressões de ‘africanidad’ se manifestam através de garífunas (Honduras, Guatemala e Nicarágua), palo monte (Cuba), *kamba kwa* (Paraguai), *afroyungueños* (Bolívia). As línguas dos quilombos e palenques eram chamadas de “fala de negro”, “língua de preto”, “fala de Guiné”; em outros contextos eram nominadas de “língua de santo”, “hablas bozal”, “jerga de negros”, “palenqueros”, “paleros”, “pretoguês”. E por que não falar da “terceira raiz” – que Norberto Palo Cirio cita ao tratar da questão do “negrismos rioplatense” ou “afroportenho”? Pelo visto, há muitas questões para serem elucidadas sobre essas ‘falas’...

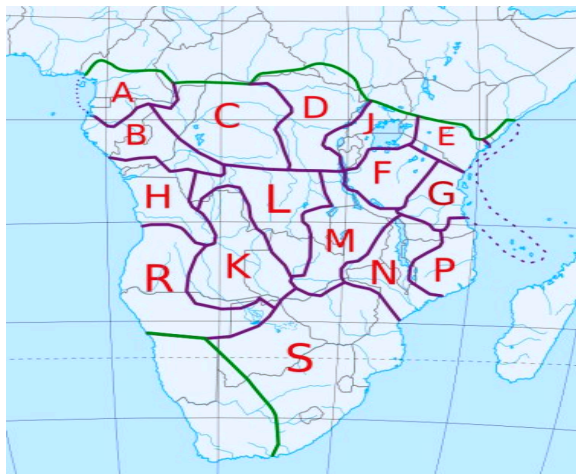
3. Os estudos⁷

Antes de 1940 os estudos centraram-se na Alemanha. Depois a Grã-Bretanha e a Bélgica tomam a iniciativa. Na primeira, os nomes de Glement Doke, A.N. Tucker e Malcom Guthrie, merecem ser mencionados, enquanto que a Bélgica se sobressai com sua equipe dirigida pelo mestre A. E. Meeussen no Museu Real da África Central (MRAC), em Tervuren (MUTOMBO, 2007, p. 33). Daí formatou-se um programa denominado Programa Lolemi, que lançou mão de uma sistematização dos agrupamentos no interior do grupo bantu

⁷ Para mais detalhe ver Mutombo (2007).

formalizado na chamada Classificação Lolemi, um retoque na Classificação de Guthrie (MUTOMBO, 2007, p. 38).

Os estudos foram importantes para a definição em áreas com agrupamento linguístico através de letras, como se vê no mapa abaixo:



A questão da área é importantíssima porque pode se verificar que palavras como *calunga*, encontrada na América Latina e Caribe, que está presente nas línguas chocue, ngangela, lwena, wambo, ndonda, herero, cuambi; e *carunga* em cuangali, cuambi, mbandieru, nas zonas K, L, H, R. E a palavra *zambi* está presente nas áreas A, B, C, H, K, R, D, L, M, J, S⁸. Percebe-se que o nome anterior é de posse cultural comum de cultura bantu (claro, com suas ligeiras variações) e não apenas um regionalismo restrito a apenas 3 línguas da costa atlântica.

⁸ Para mais detalhes, ver Angenot, Beltran & Teixeira (2009).

4. Pré-nasalizadas

Apesar da tipologia linguística ser um fenômeno observado mais para a estrutura morfológica das línguas: dividindo-as em isolantes, flexionais e aglutinantes⁹ (ou polissintética), a teoria da tipologia serve ao nosso propósito: visualizar a questão da morfofonologia, tendo com o foco principal a funcionalidade das pré-nasalizadas.

Uma língua não ‘funciona’ em um conceito ‘puro’ de só isolante, com características de palavras lexicais e gramaticais isoladas, com informação semântica isolada; ou só flexional, com informações gramaticais e lexicais apenas nas flexões das palavras e dos verbos; ou mesmo das aglutinantes, que fundem diversos significados (de pessoa, número, identificação do objeto, tempo, modo, aspecto, função) em uma só palavra aparente¹⁰.

Nós, falantes de português brasileiro - PB, que temos uma gramática internalizada com a estrutura do PB, que utiliza um sistema flexional e aglutinante, tenderíamos a analisar palavras, adequando à estrutura silábica reconhecida e aceita (pelo grande número de ocorrências) na nossa estrutura:

samba	sam	ba		
tranquilo	tran	qui	lo	
Cacimba	ca	cim	ba	
Tamburete	tam	bu	re	te
Bunda	bun	da		
cangalha	can	ga	lha	
Estrondo	es	tron	do	

Então, algumas palavras de origem ‘bantu’ ‘entrariam’ na estrutura do PB ‘acomodando-se’ a essa mesma estrutura do segmento silábico (de acordo com as possibilidades aceitas de tipos de sílabas):

⁹Aglutinativa ou aglutinantes. aquelas cujas palavras são compostas de raízes. Destas, uma exprime a ideia principal: a outra ou as outras transformam em prefixo ou sufixos, para indicar as várias modalidades de ideia. Pertencem a esta classe os grupos malaio-polinésico, uralo-allaico, banto etc. (...).” (COUTINHO, 1976).

¹⁰ Tavares (1917, p. IX): “Sabe-se que essas línguas, como suas irmãs, são principalmente analíticas, o que equivale a dizer que da maioria dos elementos linguísticos reunidos nas unidades fonéticas, que se podem notar na sua prolação... sinteticamente, agrupando-os, aglutinando-os, soldando-os em blocos, em torno de palavras que exprimam a ideia principal, e cujo acento tônico fica, em regra, dominando todo o agrupamento”.

BANTU	ban-tu
CALUNGA	ca-lun-ga
BUNDA	bun-da
CACUNDA	ca-cun-da
SAMBIQUIRA	sam-bi-qui-ra

No nosso caso específico, se tudo parece tão simples e sem problema aparente, o que significa dar um sobrevôo na organização do segmento silábico a partir do ponto de vista morfofonológico? Que operações estão latentes em uma mera consciência das formas? Que ‘acomodações’ morfofonológicas as palavras de origem bantu sofreram ao adequar-se à estrutura o PB? Iniciemos, pois, pela morfofonologia.

A morfofonologia trata da ‘aparência’ da organização da estrutura silábica, ou das formas dos morfemas sendo os mesmos gramaticalmente condicionados, quer dizer que há um elo entre as formas gramaticais e fonológicas; a análise fonológica não se considera completa, sem a verificação de todo e qualquer tipo de mudança morfofonêmica. Há ‘condicionamentos’ que ligam os sistemas gramaticais e fonológicos, determinando ‘princípios’ basilares de estruturação silábica, isso porque a sílaba, segundo Angel Corbera Mori (*Apud* MUSSALIN & BENTES, 2006, p. 174) é o coração das representações fonológicas” e “a sílaba representa o primeiro nível de organização fonológica dos fonemas de uma língua em particular”. Nossa questão se focalizará nas sílabas: possibilidades de formas e por fim questionando a função.

Vale a pena recordar o que disse Sapir (1969) sobre os “complexos e emaranhados problemas sobre a natureza e a generalidade das mudanças fonética numa língua”:

Só quero aqui assinalar que não é evidentemente desnecessários compreender como um som se estrutura para compreender a sua história. É sem dúvida exato que mudanças fonéticas mecanicamente processadas podem determinar reajustamentos importantes na estrutura fonética e podem até criar novas configurações dentro da estrutura (...). Mas é igualmente verdade que o sentimento estrutural atua como um obstáculo, ou como estímulo, para certas mudanças fonéticas e que não é lícito admitir mudanças fonéticas universalmente válidas para dadas condições articulatorias. Há tendências mecânicas típicas (...), mas uma teoria completa das mudanças fonéticas tem de levar constantemente em conta a orientação dos sons que consideramos.

Claro que não vamos tratar de mudanças fonéticas numa língua, mas em duas línguas com tipologias totalmente diferentes, e tentar lançar pistas para compreensão dos ‘reajustamentos’ ou ‘acomodações’, resultando em ‘novas configurações’ dentro da estrutura linguística nova.

As ‘operações’ linguísticas não se dão no vazio do jogo mecânico-articulatório, mas envolvem a representação e a interpretação de representações válidas, aceitas e não aceitas em ‘uma’ determinada língua. E já que a sílaba constitui a ‘coroação’, a visualização de processos articulatorios, funcionais e gramaticais, a ‘aparência’ do segmento silábico torna-se um ‘emaranhado’, um cipóal de fusões e de acomodações sistemáticas e de reinterpretções de um novo padrão entre a forma e a função da sílaba.

Sabendo que a organização linguística trabalha a partir de condicionantes próprios que levam ao reconhecimento de uma estrutura tipicamente do ‘português brasileiro – PB’, como se dá, então, a percepção da composição do segmento silábico de palavras, com estruturas pré-nasalizadas, bantu que se ‘acomodaram’ à estrutura do PB?

Discutiremos apenas os dois exemplos citados acima: *banzo* – *bantu*.

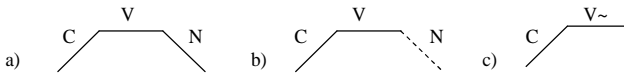
Por exemplo, na estrutura das palavras: *bantu* e *banzo*, podemos ter tranquilamente a interpretação do segmento silábico como CVN-CV. Essa formatação não fere de maneira nenhuma a estrutura silábica do PB. Porém, a possibilidade de um novo arranjo da estrutura silábica CV-NCV leva esse simples fato a um novo fator interpretativo: qual o critério dessa nova acomodação? Por que o segmento ‘N’ se torna ‘ambivalente’ ou ‘ambiposicional’? Há alguma mudança significativa da simples formalização ou presença na primeira ou segunda sílaba?

CV	N	CV
CV(N)	C(N)	(N)CV
	Roteação de pertença e função na interpretação do segmento silábico da Consoante Nasal em fim de sílaba ou Consoante da Pré-nasal em início de sílaba.	

A presença pós- ou pré-consoante nasal não é tão simples

como aparenta. Primeiro, respondendo às perguntas acima, o critério de distribuição da estrutura CVN- é facilmente reconhecida e entendida na consciência linguística de qualquer falante do PB. E não fere nenhuma regra de organização do segmento silábico. Por outro lado, é muito conveniente essa interpretação, pois não nos faz seguir mais adiante na questão de interpretação de palavras de outros sistemas linguísticos, no nosso caso o bantu, ao ser acomodadas ao PB.

Nesse caso, as sequências dos segmentos silábicos funcionam como unidades complexas que ocupam uma posição na Coda (offset) da primeira sílaba ou no Ataque (Onset) da segunda sílaba:



Contudo, em bantu, teremos outra estrutura silábica formada por CCV, sendo que uma dessas sílabas iniciais é de estrutura pré-nasalizada (NCV). E a estrutura silábica recebe características da forma da língua, que é tipo aglutinante, na qual a morfologia é um composto de morfossintaxe: as partes ‘morfêmicas’ tem valor sintático (função gramatical). A estrutura, primeira seria assim representada:

ESTRUT. FONOLÓGICA	SILABA NASAL/ NASALIZADA	BAN-			ZO	
PADRÃO	SILABICO	ω				
		σ			σ	
		O	R		O	R
		At.	Nu.	Co.	At.	Nu.
	MORFOLÓGICO	C	V	C	C	V
	MORFOFONOLÓGICOS	b	a	n	z	o
	Efeitos	→bã			zo	

Porém, como a morfofonologia estuda a representação das formas fonológicas (no nosso caso a composição das estruturas silábicas) conjugando com características gramaticais, convém assinalar a função da outra possibilidade de composição da ‘sequencia ambígua’ ou ‘ambiposicional’ descrita acima, tendo em vista a necessidade de ser coerente com o que propomos. Passamos a descrição dos tipos de constituição da outra possibilidade do segmento silábico, juntamente com a função.

A redistribuição" da nasal quando passa de uma estrutura NCv - (ba-ntu) para uma estrutura N - Cv (ban-tu), de estrutura pré-nasalizada, encaminha a uma pseudo 'separação' que não leva a nenhum tópico etimológico, a nenhum traço significativo nas línguas bantu de origem. Isso porque cada língua tem seus padrões particulares de agrupamento de sons em uma estrutura que formam um segmento silábico. Mas a composição do segmento silábico é constituído por uma 'padronização' das sílabas permitidas . Vejamos passo a passo o que queremos dizer:

Organizando os segmentos silábicos de acordo com a estrutura bantu, temos:

ba-nzo (*ba* -morfema de plural para pessoas, e *-nzo*, casa);

bantu, *ba-* (plural), *-ntu* (mtu) (pessoa).

Isso porque o sistema de classe em bantu é composto de prefixos nominais que se 'fundem' em palavras formando novos significados¹¹. Os morfemas (ou prefixos) nominais em bantu são agrupados em classes de 1 a 23 (sendo que uma minoria de línguas possuem as classes de 19 a 23), com funções determinadas: Vejamos:

CLASSES	NP	
1	*mu-	Humanos
2	*ba-	Plural de 1ª.
3	*mu-	Vegetais, inanimados
4	*mi-	Plural de 3ª.
5	*(d)i-	Diverso, aumentativo
6	*ma-	Líquidos, plural de 5, 11, 12, 14, 15
7	*ki- (qui-)	Diversos, diminutivo
8	*bi-	Plural de 7
9	*n-	Animais, inanimados
10	*n-	Plural de 9
11	*du-	Abstratos
12	*ka- (ca-)	Diminutivos
13	*tu-	Plural de 12
14	*bu-	Abstratos
15	*ku- (cu-)	Infinitivo
16	*pa-	Locativo (próximo, preciso)
17	*ku- (cu-)	Locativo (distanciado, não-preciso)

¹¹ Ver a observação de Tavares neste artigo.

18	*mu-	Locativo (interior) Instrumental
19	*pi-	Diminutivo

Esses ‘morfemas’, em sua grande maioria, ‘perderam’ o significado, o valor, a função na formatação da palavra. E, em um processo de busca de palavra de origem bantu, levaria em consideração a composição da palavra, segundo um princípio de agrupamento por ‘prefixação’, através dos diversos morfemas de classes. Esses morfemas de classes ‘perderam-se’, fundiram-se em palavras nas quais não se consegue recuperar nenhum ‘vestígio’ aparente. As diversas palavras das línguas bantu (que possuem esse sistema) foram acomodando-se às estruturas do português brasileiro, e hoje se torna ‘difícil’ o reconhecimento das lexias de origem bantu, pois estão escondidas sob o nome de ‘brasileirismos’. Isso podemos ver nos exemplos já citados de *bantu* e *banzo*, o morfema *ba-* pluralizador de 1^a. Pessoa (*nós*) perde seu significado: bantu – *nós, pessoas, gente*; banzo – *nossa casa*. Bantu virou um substantivo ‘fechado’ e banzo acomodou-se no sistema do português brasileiro em um ‘sentimento saudoso’, perdido, distante (Cf. COELHO NETO, 1912).

ESTRUT. FONOLÓGICA	SILABA NASAL/ NASALIZADA	BA-		NZO			
PADRÃO	SILÁBICO	ω					
		σ		σ			
		At.	R	At.			R
			On.	Nu.	On.	On.	N
	MORFOLÓGICO		C	V	C	C	V
	MORFOFONOLÓGICO		b	a	n	z	o
Efeitos		ba		-nzo			

Por outro lado há de se pensar que houve um processo inverso. Isso porque na integração das palavras de origem bantu, houve duas fases, segundo Kempf (2009); a primeira ocorreu quando os falantes de línguas bantu tentaram aprender a falar a variedade de português praticada no ambiente da senzala e nas relações com os feitores; nesta fase não houve "empréstimo" de palavras bantu, pelo contrário, o que estava sendo "emprestado" era o português, que estava sendo "acomodado" às estruturas das línguas bantu, foneticamente, morfofonologicamente e semanticamente, como o caso de "*Petolo*", tão citado em Pedro Dias para referir-se a Pedro, que desconstrói estruturas silábicas ‘travadas’ obedecendo a uma estrutura CV.CV.CV.

As palavras de língua bantu foram se acomodando. Nesse ponto, dois processos estavam em voga: *convergência* e *acomodação* entre as duas estruturas linguísticas¹². E nisso, ao tratar-se da formação do vernáculo brasileiro, Kempf e Marques da Silva (2009) nos apresenta alguns exemplos de acomodação e de integração das línguas bantu ao novo diassistema, levando até certo ponto à convergência (i.e., a língua dominante também muda, pelo peso numérico dos falantes da variedade dominada):

- ditadura da estrutura silábica (cv)‘cv (cv), característica compartilhada pela maioria das línguas bantu que foram representadas no Brasil e pelo próprio português:

cruz -> curuzu (bairro de Salvador);

- apagamento do sistema tonal; contudo, a presença de oxítonos (bambá, cotó) merece ser investigada¹³;

¹² Sei que é importante, mas nesse trabalho não vamos tratar da distribuição do segmento silábico segundo o peso acentual. Isso nos levaria a outras discussões, porém adiantamos que poderia ser levado em conta, na discussão da ‘ambivalência’ desse segmento complexo, o peso acentual do PB que é diferente do sistema Bantu, por exemplo: damos um peso acentual na composição acentual da primeira sílaba, aumentando a sua carga de ressonância no agrupamento da nasal ‘CVN, CV. Porém, se fosse o padrão acentual diferente, em bantu, CV‘NCV, teríamos não só a nova organização silábica ‘acomodada’ às estruturas de peso acentual do PB, ficando o peso e a distintividade através da realização tonal ‘flutuando’ nas posições do PB, tendo em vista que a estrutura –NCV seria a Raiz (portadora de um primeiro tom base) ao qual os outros segmentos iriam se ‘agarrar’, anexando e estendendo ou ‘aperfeiçoando’ os significados na extensão dos constituintes gramaticais inseridos à R. Observando esse traço prosódico, a intensidade da sílaba tônica que se posiciona no primeiro segmento silábico pode fazer com que haja um ‘agrupamento’ movido não só pela morfofonologia, mas pela extensão da intensidade no nível da sílaba que acaba ‘anexando’ o segmento nasal ambivalente ou bipo-posicional. Fato que não ocorreria se o traço prosódico mais relevante fosse no segundo segmento silábico. Isso nos leva a questionar se haveria alguma comunidade quilombola ou remanescente de quilombo que dão um traço de ‘não nasalidade’ em um segmento ‘CVN?’

¹³ As estruturas interpretativas em língua bantu são marcadamente tonais. Contudo, há noções, não estudadas a fundo, da importância dos elementos suprasegmentais que podem ser chamados de tonossemântica ou mesmo a tonologia: a presença tonal modifica a função gramatical na palavra e no conjunto de uma frase. Nas línguas tonais, a diferenciação de uma palavra para outra não está somente na forma. O tom tem uma característica principal. O tom flutua, quer dizer, pode estar em uma das estruturas da sílaba, mas realizar-se em outra sílaba de acordo com a função semântica. Ele pode ter uma realização progressiva ou regressiva (em uma ou várias sílabas), ou duplicar-se isso dependendo da extensão do domínio tonal.

Com o sistema escravagista, os povos que falavam línguas tonais (como as do Gru-

- “integração” dos prefixos de classe, que em alguns casos conservam durante algum tempo a carga semântica (ca-olho -> caolho, zarolho/zanolho (?)), mas perdem a função morfossintática¹⁴;

- os outros prefixos subsistem concatenados à base (quitanda, quizila, molambo, muamba, calango), ou são apagados (bambá, bamba);

- no caso da nasal do complexo NC, queda (gongo) ou epêntese (ingongo).

5. Conclusão

Empréstimos são estratégias cognitivas de adaptação de um sistema linguístico. Eles revelam o sistema estrutural de uma língua que tenta não se perder por inteiro, deixando marcas superficiais e sem peso aparente. As palavras das línguas do grupo bantu foram se ‘acomodando’ ao português brasileiro, na qual a interpretação das lexias e expressões é tão ‘perfeita’ que a consciência linguística dos falantes em caso nenhum vai acusar as palavras de serem ‘estrangeiras’ (KEMPF, 2009).

Mas, quando se começa a decantar uma subestrutura passa a revelar uma interação de ressignificações, com neutralizações, ressemantização, dando uma nova carga, pactuando e negociando, nesse jogo linguístico, marcas identitárias nem que sejam superficialmente ‘leves’. No nosso caso, a morfologia não tratou da perda ou acréscimo de vogais ou consoantes devido à tendência de manter os padrões silábicos preferidos de uma língua. Mas sim de ‘como’ se dá

po Bantu), devido aos mais diversos meios de desestruturação da vivência da unidade comunitária, a marcação tonal foi neutralizada. Ficando a unidade tonal realmente “flutuante” na estrutura do português brasileiro, esperando uma posição para ser alocado. Esta flutuação, esse *alocus*, ‘sem lugar’, tonal teria de ser melhor observado nas comunidades quilombolas e remanescentes de quilombo, para verificar se há registro da utilização do tom como marca distintiva. Isso seria um pouco difícil porque o que percebemos de forma mais latente é somente a característica superficial revelado pelo continuum da fala. Deter-se para decantar e deixar diáfano a estrutura profunda precisa de tempo, conhecimento e presença junto às comunidades, não simplesmente de passeio acadêmico. (APONTES, 2009)

¹⁴ Por exemplo, a palavra *mucunzá*, *mugunzá*, esse morfema inicial poderia ser tranquilamente um morfema de classe 3 (utilizado para vegetais) ou uma variação do morfema de classe 4 (plural da classe 3)...

a representação e os critérios da configuração do segmento silábico em um contexto de acomodação linguística, isso porque as formas fonológicas passaram pelo crivo de sistema de classe gramatical que norteia a pertença e a estrutura dos componentes do segmento silábico.

Finalizo, portanto, com as oportunas palavras de Kempf e Marques da Silva (2009):

No Brasil, o levantamento de dados a respeito da contribuição africana à formação dos falares brasileiros deve permitir resgatar a memória social e a história da formação do Brasil, longe das ideologias oficiais e da pretensa unidade linguística da lusofonia baseada exclusivamente na contribuição europeia.

BIBLIOGRAFIA

ANGENOT, Jean-Pierre, BELTRAN, Luis, TEIXEIRA, Marco Antônio. Os iberoamericanismos de origem bantu e as línguas bantu. *Atas do Workshop Internacional sobre Procedência Politécnica dos Afroiberoamericanos de Origem Bantu: evidências etimológicas e históricas*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2009.

APONTES, Selmo Azevedo. *Relatório do curso "Tonologia comparativa das línguas bantu"* ministrado pelo Prof. Dr. Jacky Maniacky (MRAC) de 13 de julho a 1 de agosto de 2009, no Campus da UNIR em Guajará-Mirim. (Digitado)

CANNECATINI, Bernardo Maria. *Dicionário da língua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina*. Lisboa, 1804.

COELHO NETO. *Banzo*, contos. Porto: Chardron de Lello & Irmão Editores, 1912.

COELHO, R. F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. Dissertação de mestrado, USP, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1976.

DIAS, Pedro. *A arte da língua de angola*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JOHNSTON, Harry H. *A Comparative Grammar of the South-African Bantu Language*. London, 1919.

KEMPF. *Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de “nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim”*. (A ser publicado na ABCEBS), 2009.

KEMPF & MARQUES DA SILVA. *Os critérios e a metodologia da sociolinguística no levantamento e na análise da contribuição das línguas africanas às variedades do português vernáculo brasileiro*. (A ser publicado no GEPIAA), 2009.

MANIACKY, Jacky. *Tonologie du ngangela: variété de menongue (Angola)*. INALCO. Tese de Doutorado, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MUSSALIN & BENTES. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 1. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MUTOMBO, Daniel. *Propuesta de una lingüística africana globalizante y libertadora*. 1. ed. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007.

PRASAD, Kiran Kamal & ANGENOT, Jean-Pierre (ed.). *TADIA – The African Diaspora In Asia: exploration on a less known fact*. Papers presented at the First International Conference on TADIA in Panaji, Goa, Held During January 2006. Jana Jagrati Prakashana: Bangalore, 2008.

QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANTOS, E. *Da tradição oral à escritura: a história contada no quilombo de Curiaú*. Dissertação de mestrado. Unicamp, 2006.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. Trad. de J. Matoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

TAVARES, José Lourenço. *Gramática da língua congo (kikongo) – dialeto – kisolongo*. Angola, 1917.

TEYSSIER, P. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TORRENT, I. *A comparative grammar of the South-African Bantu Language*. London, 1893.

VOGT, C., FRY, P. *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

**ATLAS LINGÜÍSTICO DO ACRE (ALiAC)
CARTAS FONÉTICAS E REALIZAÇÃO
DO / S/ PÓS-VOCÁLICO NA REGIÃO DO PURUS**

Gracione Teixeira de Sousa

gracione@gmail.com

Lindinalva Messias do N. Chaves

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

No quadro atual dos estudos geolinguísticos, pesquisas significativas estão sendo desenvolvidas, dentre as quais podemos mencionar os atlas linguísticos regionais como é o caso do Atlas Linguístico do Acre – ALiAC. Neste projeto de pesquisa, que faz parte do ALiAC, temos por objetivo elaborar as cartas fonéticas referentes à Regional do Purus do mencionado Estado e, ainda, analisar as realizações do /s/ pós-vocálico nessa região. Para a coleta de dados, a ser realizada em três municípios da Regional do Purus no referido Estado, Manoel Urbano, Santa Rosa do Purus e Sena Madureira, serão utilizados os questionários semântico-lexical (QSL) e fonético-fonológico (QFF) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Serão doze informantes no total, 4 por localidade, sendo dois homens e duas mulheres distribuídos em duas faixas etárias (de 18 a 30 e de 45 a 60 anos), com nível de escolaridade que vai da alfabetização até a 4ª série do Ensino Fundamental. No que se refere ao aspecto fonético específico em análise, o estudo será feito por meio de programa computadorizado de análise da fala.

Palavras-chave: Atlas Linguístico. Cartas Fonéticas. /s/ pós-vocálico.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos o projeto de pesquisa intitulado Atlas Linguístico do Acre: Cartas Fonéticas e realização do /s/ pós-vocálico na Região do Purus, estudo que objetiva elaborar as cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Acre (ALiAc) concernente à aludia regional. Dessa forma, o trabalho se situa no âmbito da Dialetoлогия, disciplina responsável pelo arrolamento, sistematização e interpretação das características dos falares, que emprega como um de seus métodos de pesquisa, a Geolinguística, técnica da elaboração de atlas linguísticos.

Dentre os fenômenos fonético-fonológicos observados, tentaremos identificar as realizações variáveis do /s/ pós-vocálico na região mencionada, mais precisamente nos municípios de Sena Madureira, Manoel Urbano e Santa Rosa do Purus.

1. Relevância e embasamento da pesquisa

A importância desta pesquisa tem um caráter duplice: por um lado, é um passo que, somado a outros efetuados por outros pesquisadores, contribuirá para a construção do Atlas Linguístico do Acre que se encontra em fase inicial de construção e, por outro lado, a proposta contempla análise de um fenômeno fonético-fonológico específico com realizações mais ou menos diferenciadas nas diversas regiões do Brasil. Esta segunda parte do estudo contribuirá para a descrição aprofundada desse processo nas localidades mencionadas na introdução deste trabalho e, ainda, para a demarcação das áreas dialetais, por meio de isoglossas, que vem sendo efetuada no Atlas Linguístico do Brasil – AliB. Ademais, não podemos deixar de mencionar o caráter inédito do trabalho visto que estudos dessa natureza ainda não foram realizados nas localidades a serem investigadas.

Quanto aos pressupostos teóricos, para o tratamento da diversidade linguística, tem-se, por um lado, a dialetologia, disciplina que focaliza os dialetos, considerados quaisquer variedades de uma língua, e, de outro, a sociolinguística. A primeira opera com os procedimentos da Geolinguística e a segunda, subárea da Linguística, estuda a língua sob a influência de fatores sociais como classe social, gênero, faixa etária, entre outros. Procuraremos conjugar os princípios das duas disciplinas neste trabalho visto que, segundo Brandão (1991, p. 12), “os princípios da geografia linguística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução”.

Em relação à análise específica do /s/ pós-vocálico, cabe salientar que diversos estudos foram realizados no âmbito da fonética e da fonologia; dentre eles, destacamos o de Callou e Marques (1996) que mostraram como se realiza o arquifonema /S/ no linguajar carioca, levando em conta os condicionamentos a que estariam sujeitas as